

PROGRAMA DE RÁDIO

ESCUTAR E PENSAR
RÁDIO MEC-AM 800 MHZ



Crimes Familiares

2ª feira: 20/Janeiro/2003

Bom dia, ouvinte do caderno manhã da Rádio MEC. No quadro Escutar e pensar, nós vamos falar sobre você e o mundo à sua volta.

Temos ouvido falar de crimes que acontecem dentro de uma família, por isso eu quero convidar você a pensar um pouco sobre esse assunto, os crimes familiares. São crimes que nos assustam muito. Pela brutalidade, pela frieza com que são cometidos, pela frequência com que eles têm acontecido. Mas talvez um dos aspectos mais chocantes seja o da proximidade. A proximidade existente entre as vítimas e os assassinos, e principalmente a proximidade que existe entre eles, as pessoas envolvidas, e nós mesmos. Todos nós temos ou tivemos família e por isso os crimes familiares nos tocam diretamente.

Quando se fala em crime, em geral a gente pensa só nas situações que envolvem assassinato, roubo...

Mas vamos pensar: um crime pode se apresentar de diferentes maneiras. Pode ser intencional, feito de propósito, até planejado, mas também pode ser sem intenção: uma pessoa, sem querer, comete um crime. Pode ser através de uma ação ou o contrário, a ausência de uma ação, que é a omissão.

Claro que há uma diferença entre aquilo que se faz intencionalmente e aquilo que faz sem querer, até a lei considera que há uma diferença. Porém, pra vítima, não faz tanta diferença assim.

Veja por exemplo, se um marginal esfaqueia uma pessoa até matá-la, é uma ação proposital, e ninguém duvida que ele seja um criminoso. Agora, uma mãe que fica distraída assistindo a novela, e por preguiça ou comodidade, não retira de cima da mesa o veneno para matar baratas, aí o filho pequeno ingere o veneno e morre. Neste caso, não houve a ação, a ação de proteger, houve uma omissão. Claro que não foi planejado, mas aconteceu um crime.

A gente já está até meio "acostumado" com crimes, de uma forma ou de outra. São tantas guerras no mundo, as violências

ligadas ao tráfico de drogas, assaltos na nossa esquina. Mas há uma diferença importante entre estes crimes e o crime familiar porque neste o agente do crime é "gente da gente", é alguém da família, alguém que supostamente tem um vínculo importante com a vítima.

Costuma-se dizer que se um soldado parasse pra conversar com o inimigo, conhecer aquela outra pessoa, não ia conseguir matá-lo porque ia ter a noção de que aquele outro também é um ser vivo, humano como ele. Surge um ponto em comum, um vínculo.

O que mais choca nos crimes familiares é que parece que um dos fatores ou causa do crime é justamente o vínculo entre o criminoso e a vítima. Há uma ligação muito forte: o parentesco, a convivência, sentimentos intensos: amor, raiva ou ciúmes, inveja, sentimentos muito conturbados e em geral, silenciados. São situações em que se estabelece um curto-circuito na família. No lugar do diálogo e da cumplicidade que se espera num grupo familiar, surge um ato de agressão que surpreende.

E como é que isso pode acontecer? Muitas perguntas e aflições nos tomam quando pensamos neste assunto. Mas é importante não deixar o assunto abafado, refletir sobre ele.

Um bom dia pra você e até amanhã com o quadro Escutar e pensar, do Caderno Manhã da Rádio MEC. Se você tiver alguma dúvida, telefone para 2252-8413, Central de atendimento da Rádio MEC.

3ª feira: 21/ janeiro/ 2003

Bom dia, ouvinte do caderno manhã da Rádio MEC. No quadro Escutar e pensar, nós vamos falar sobre você e o mundo à sua volta.

E no nosso mundo, a gente convive tanto com a mentira que parece que ela não faz mal nenhum. Acontece que muitas vezes os efeitos da mentira passam despercebidos.

Será que se pode dizer que o filho que mente prum pai está cometendo um crime? E quando os pais mentem pros filhos? Quando, por exemplo, os pais mentem na escola "só para ajudar os filhos..." E aquelas situações em que o jovem parece querer afrontar os pais ou outras figuras de autoridade, cometendo pequenos delitos?

Em cada uma dessas situações a gente deve considerar diversos aspectos: Qual é o objetivo do ato? De que forma o ato atinge o outro? É muito fácil ver a consequência de um ato violento quando há morte ou lesão física, ou então num assalto é fácil perceber o que se perdeu.

Mas, e quando a perda é emocional?

Vamos voltar àqueles exemplos: quando uma criança mente pros pais, antes de concluir que aquela criança é um infrator, temos que considerar qual é o tipo de mentira, qual é a idade da criança, as razões pelas quais está mentindo. Ela pode estar mentindo porque tem medo da reação dos pais, principalmente se forem pais muito rigorosos, pode estar mentindo porque se sente errada pelo simples fato, por exemplo, de não ter tomado banho. A criança pode mentir porque não tem noção de perigo ou de limites. A grande maioria das crianças mente por motivos que nos parecem banais, mas que pra elas tem um peso imenso.

A gente pode dizer que em geral a criança mente pra realizar um desejo: ficar na televisão, comer o que quiser, não parar de brincar...

Cabe aos pais dar o limite, trazer a realidade. Problema maior é quando os próprios pais têm dificuldade com os limites, com as impossibilidades.

Aí, são os pais que acabam mentindo. O fingimento é uma forma de mentira. Por exemplo, pais que desejam um filho brilhante, podem acabar fingindo que o filho não tem dificuldades nos estudos. Pais que fazem dívidas pra fingirem que podem dar tudo ao filho. Vivem de uma forma ilusória e a mensagem que transmitem é: Olha, meu filho, se a realidade não é como a gente gostaria, a gente finge que é!

Neste caso, os pais estão cometendo um crime emocional, porque impedem seu filho de lidar com os limites da realidade e com a frustração.

E como essas crianças vão crescer? Muito provavelmente viverão inseguras, sem poder aceitar suas falhas. Algumas vezes a recusa em assumir suas limitações pode gerar adolescentes e adultos que tentarão o tempo todo burlar a lei, escapulir dos entraves. Tentarão viver uma vida em que tudo é possível. E aí, muitos podem acabar recorrendo às drogas que trazem essa sensação de completude, poderão recorrer aos furtos para terem tudo que desejarem...

Enfim, dizer não a um filho pode ser muitas vezes doloroso pros pais que gostariam de ser tudo pros filhos, de satisfazê-los de todas as formas. Mas o não muitas vezes é muito mais amoroso e construtivo do que o sim.

Pense nisso ouvinte e até amanhã com o quadro Escutar e pensar, do Caderno Manhã da Rádio MEC. Se você tiver alguma dúvida, telefone para 2252-8413, Central de atendimento da Rádio MEC.

4ª feira: 22/ janeiro/ 2003

Bom dia, ouvinte do caderno manhã da Rádio MEC. No quadro Escutar e pensar, nós vamos falar sobre você e o mundo à sua

volta.

O adolescente muitas vezes expressa seus conflitos através da agressão, principalmente agressão verbal contra as autoridades. É muito importante que as autoridades, especialmente os pais, consigam manter um diálogo, porque quando há diálogo, quando o jovem é ajudado a conversar sobre suas idéias e sentimentos, a tendência é que ele recorra menos à violência. É claro que isso não é fácil, até porque dialogar nem sempre faz parte da rotina das pessoas. Mas encontrar palavras pra dizer o que se sente é um exercício. A vivência de troca, de contato com os pais, mesmo que traga conflito, discórdia, vai criando no jovem um sentido de verdade e de segurança.

Quando a gente pensa em situações como aquela em que a filha ajudou o namorado a assassinar seus próprios pais, nós ficamos chocados. É uma situação em que todos os limites foram ultrapassados. Todos. É gravíssimo. E temos que tomar cuidado para não sair tirando conclusões precipitadas. Temos a tendência a buscar explicações psicológicas para as coisas terríveis que não entendemos, dizemos logo que a pessoa é doente mental. Mas só um exame muitíssimo cuidadoso feito por profissional poderá fazer algum diagnóstico. Criminoso é uma coisa e doente mental é outra, completamente diferente, e não se pode confundir.

Outra tendência é acusar os pais de alguma falha, como se os pais fossem tão poderosos que tudo, tudo na vida do filho dependesse deles. Bastaria fazer tudo como manda o figurino e pronto: filho perfeito.

Agora, isso não quer dizer que o ambiente familiar não tenha importância. Claro que tem. E muita. Uma família em que os pais olham pros filhos, conversam com eles e entre si, e que conseguem lidar com os conflitos, sempre tem uma influência bastante positiva no desenvolvimento dos filhos.

Um dos pontos de conflito bastante comum entre os membros de uma família são os limites, os mais diversos. Os limites próprios do convívio, já que cada um tem que ceder, abrir mão de desejos, ou abrir mão de brigar, ou de comprar alguma coisa, ou de ver um programa... Há os limites de cada um, as impossibilidades, as características... Há os limites emocionais, os limites financeiros... Lidar com isso é difícil. Principalmente no mundo em que vivemos, do prazer imediato e absoluto.

Parece que todos nós temos o direito ao paraíso. Quantas vezes a gente ouve, ou diz: "Eu mereço isso ou aquilo, mereço ter o carro tal, mereço a roupa tal..." É claro que merecemos. Trabalhamos duro, fazemos nossa parte, somos todos boa gente, mas e daí? Merecer, merecemos, mas podemos? É possível?

A idéia que fica é que se pode tudo. Eu quero, eu posso, eu mereço, eu, eu, eu... O eu vira uma grande bola que pode encher

sem fim, ocupando o espaço dos outros, e se for necessário, elimina quem está atrapalhando, mata.

É importante sempre lembrar de nossa condição de incompletude, que é inerente ao homem, de nossa condição de fragilidade. Isso pode ajudar a aceitar as limitações, as próprias e das pessoas que nos rodeiam, e pode facilitar o diálogo.

Pense nisso ouvinte e até amanhã com o quadro Escutar e pensar, do Caderno Manhã da Rádio MEC. Se você tiver alguma dúvida, telefone para 2252-8413, Central de atendimento da Rádio MEC.